

Artigos de Revisão

História da formação docente em Educação Física no Pará: prospecções de uma tese

History of Physical Education teacher training in Pará: prospects of a thesis

Historia de la formación docente en Educación Física en Pará: proyecciones de una tesis



Welison Alan Gonçalves Andrade

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil
andradewalan@gmail.com



Jesyan Wilysses Oliveira Guimarães

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil
jesywil02@gmail.com

Resumo: Este estudo promove uma reflexão acerca da História Oral como fonte de pesquisa, destacando a sua importância para investigações sobre a história da formação docente em Educação Física no Pará. Trata-se de um texto ensaístico que tem por base a tese de Faro (2021). A análise do trabalho revelou que há um longo caminho a se seguir no que se refere à produção do conhecimento em torno da temática história da formação de professores/as de Educação Física no Pará, evidenciando ainda que a História Oral constitui um instrumento substancial para a investigação de acontecimentos, instituições, conhecimentos e pessoas invisibilizadas e/ou pouco (re)conhecidas no passado.

Palavras-chave: História Oral; Educação Física; Formação de Professores; Memória.

Abstract: This study promotes reflection on Oral History as a research source, highlighting its importance for investigations into the history of teacher training in Physical Education in Pará. It is an essay-based text grounded on Faro's thesis (2021). The analysis of the work revealed that there is a long way to go regarding the production of knowledge about the history of Physical Education teacher training in Pará. It also shows that Oral History is a substantial tool for investigating events, institutions, knowledge, and individuals that have been overlooked and/or scarcely (re) recognized in the past.

Keywords: Oral History; Physical Education; Teacher training; Memory.

Resumen: Este estudio promueve la reflexión sobre la Historia Oral como fuente de investigación, destacando su importancia para las investigaciones sobre la historia de la formación docente en Educación Física en Pará. Se trata de un texto ensayístico basado en la tesis de Faro (2021). El análisis del trabajo reveló que hay un largo camino por recorrer en lo que respecta a la producción de conocimiento sobre la temática de la historia de la formación de profesores de Educación Física en Pará, evidenciando también que la Historia Oral constituye una herramienta sustancial para la investigación de eventos, instituciones, conocimientos y personas invisibilizadas y/o poco (re)conocidas en el pasado.

Palabras-clave: Historia Oral; Educación Física; Formación docente; Memoria.

Submetido em: 23/07/2023

Aceito em: 04/09/2024

1. Introdução

Este trabalho apresenta discussões e reflexões socializadas em aulas ministradas no componente curricular “Cultura, Saberes e Imaginário na Educação Amazônica”, do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA). Ao objetivar discutir, refletir e pesquisar a educação na Amazônia a partir da memória, a disciplina nos levou ao encontro de Zumthor (1997), Bergson (1999), Bosi (1994), Halbwachs (2004), Pollak (1989) e Thompson (1992), teóricos que nos despertaram o interesse pessoal pela memória enquanto fonte de pesquisa, em especial pela História Oral como recurso metodológico.

A memória é uma temática que proporciona fecundas discussões do ponto de vista teórico-metodológico-epistemológico, pelo fato de ser mais do que uma simples capacidade do cérebro de armazenar informações. Memória é vida, tempo, história e cultura, conforme se pode compreender a partir das palavras de Zumthor (1997):

A memória [...] tende a assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: ela gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida. Seria apenas paradoxal sustentar que ela cria o tempo. É evidente que cria a história, ata o liame social e, por conseguinte, confere sua continuidade aos comportamentos que constituem uma cultura (Zumthor, 1997, p. 14).

Na tentativa de conceituar memória, encontramos distintos/as autores/as na literatura acadêmico-científica. Bergson (1999) concebe a memória como a capacidade mental de representar, no presente, o passado. Mas, para Bosi (1994), não se trata de reviver, e sim de refazer, reconstruir e ressignificar, com os elementos disponíveis no presente, as experiências do passado. Para a referida autora, por mais nítida que nos pareça a memória de um fato antigo, ela não é a mesma experiência que experimentamos no pas-

sado, pois não somos mais os/as mesmos/as; nossas percepções, ideias e opiniões foram alteradas com a poeira do tempo.

Halbwachs (2004), por sua vez, nos diz que a memória é composta pelos fatos lembrados em comunhão com o grupo e sobrevive enquanto houver pessoas que a mantenham. No século XX, vale destacar, esse teórico desenvolveu um estudo sobre memória social e história, concluindo que toda memória é coletiva, no sentido de que, embora as lembranças individuais sejam responsáveis por trazer à tona os acontecimentos do passado, são os grupos sociais que determinam quais acontecimentos possuem valor memorável e de que formas essas lembranças deverão ser evocadas. A questão central da discussão de Halbwachs (2004) é que a memória individual é concebida a partir de uma memória coletiva. Contudo, não podemos nos esquecer da memória à margem ou subterrânea, nos termos de Pollak (1989). Esta, por vezes, é somente individual e pertencente a um único sujeito, podendo nunca vir à tona se não tiver quem a descubra, a busque ou a escute.

Nos últimos anos, pesquisadores/as, sobretudo das Ciências Humanas, passaram a se apropriar da memória como objeto de estudo para desvelar um passado pouco conhecido e/ou não registrado. Isso porque o processo de recordar, de modo espontâneo ou induzido por alguém ou algum objeto, possibilita trazer à tona “vivências, espaços e lugares, tempos e pessoas, sentimentos e percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas” (Stephanou; Bastos, 2009, p. 420) e outras informações que a escrita não se preocupou em registrar, seja por desprezo ou por desconhecimento da história oficial, a exemplo da onda de depoimentos sobre o Holocausto, estudados por Pollak (1989), que rompeu um silêncio que perdurava há décadas, evidenciando uma série de acontecimentos antes desconhecidos.

A memória, ao ser considerada passível de problematização e não como simples capacidade de armazenar e conceder informações sobre uma ou outra experiência, possibilitou o surgimento de condições para uma nova e importante modalidade da História: a História Oral. O uso da História Oral como recurso metodológico de

pesquisa vem sendo aperfeiçoado e discutido internacionalmente. Há um amplo debate na literatura acadêmico-científica sobre os seus limites e possibilidades, pontuado por teóricos e pesquisadores/as que a utilizam. Questões como a subjetividade do/a entrevistado/a e do/a entrevistador/a, a falta de exatidão dos fatos narrados e a construção de significados que o tempo presente pode dar ao passado estão entre os limites duramente criticados no uso da História Oral. Contudo, as vantagens e contribuições desta para a produção do conhecimento nas diversas áreas são significativas e têm conseguido superar tais críticas.

Na Educação Física brasileira, o uso da História Oral em metodologias de pesquisas, especificamente como fonte histórica, tem sido muito valorizado nas últimas décadas. Uma das primeiras aproximações da área com essa abordagem teórico-metodológica pode ser encontrada na obra de Oliveira (1998), que compila pesquisas desenvolvidas por pesquisadores/as da Universidade Gama Filho.

De acordo com Macedo e Goellner (2013), a adoção da História Oral, associada à criação de centros de memória, contribuiu para a revitalização nas pesquisas historiográficas desenvolvidas na área da Educação Física. Passadas algumas décadas desse movimento, alguns estudos podem ser destacados de um panorama nacional, tais como aqueles dedicados à história dos cursos e das escolas de Educação Física (Melo, 1996; Lyra, 2013; Carneiro; Silva, 2020; Pires; Rocha Junior; Marta, 2014), das práticas corporais (Abreu; Castro, 2009; Mühlen; Natividade; Goellner, 2013) e da trajetória de professores (Pinto, 2012; Andrade, 2014; Ferreira, 2015), ainda que sejam pesquisas com reduzido tratamento metodológico dos conceitos de memória (Souza; Vargas; Capraro, 2019).

Em relação à história da formação de professores/as de Educação Física no estado do Pará, pesquisadores/as têm recorrido às múltiplas fontes históricas para pesquisar a trajetória da Escola Superior de Educação Física do Pará (ESEFPA), a exemplo do trabalho de Treptow (2008), Nascimento (2010), Santos (2013) e Faro (2021). Em contrapartida, outros temas têm sido pouco investigados, um cenário alvo de problematização (França, 2012; Silva,

2015; Veiga; Faro, 2016) que pode estar relacionado a muitos fatores, como o difícil acesso e localização dos lugares que guardam as fontes documentais. Nesse cenário de obscuridade, as fontes orais podem ter um papel fundamental.

Nessa perspectiva, este estudo promove uma reflexão acerca da História Oral como fonte de pesquisa, destacando a sua importância para investigações em torno da temática história da formação de professores/as de Educação Física no estado do Pará.

Trata-se de um ensaio que tem por base a tese de doutorado intitulada “Caminhos formativos do primeiro corpo docente da Escola Superior de Educação Física do Pará (1950-1970)”, de Carmen Lilia da Cunha Faro (2021), defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Selecionou-se este trabalho em razão de ter utilizado a História Oral em sua metodologia e devido à sua relevância para a literatura da Educação Física paraense, visto que resultou na constituição de um documento histórico contendo quatro entrevistas com professores/as de Educação Física pioneiros/as no estado, bem como abordou um cenário histórico que até então era pouco referido na literatura acadêmica.

2. História Oral como fonte de pesquisa

Em metodologias de pesquisas científicas, o uso da História Oral, também chamada de fonte oral, história do tempo presente ou simplesmente oralidade (Xavier *et al.*, 2020), começou a ter notoriedade a partir da década de 1960, quando renomados/as pesquisadores/as passaram a utilizá-la, como Thompson (1992), que reconheceu a relevância e a riqueza da memória. Esse pesquisador, que valorizava a memória de sujeitos anônimos, percebeu que as histórias contadas pelas pessoas constituíam um instrumento valioso para a história social.

No Brasil, a História Oral foi introduzida na década de 1970, com a consolidação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio

Vargas. Contudo, foi somente na década de 1990 que a História Oral ganhou destaque no contexto acadêmico, com a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), reunindo pesquisadores/as e estudiosos/as de todo o país. Enfatizamos que, no caso do Brasil e de outros países da América Latina, “a aceitação da história oral esteve diretamente ligada ao processo de redemocratização” (Meihy, 2000, p. 86). Nos últimos anos, a ABHO continua a exercer um notório fomento para o reconhecimento e a apreciação da História Oral como metodologia de pesquisa, principalmente, via Revista História Oral e Encontro Nacional de História Oral.

Ainda em uma perspectiva metodológica, Alberti (2013) pontua que a História Oral não deve ser considerada somente como a transcrição de entrevista gravada, mas, sim, como método de investigação científica, fonte de pesquisa e como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados.

Como método de pesquisa, a História Oral deve ser classificada dessa forma quando se refere ao gênero história de vida, isto é, do relato pessoal contado de si, pois sua fundamentação principal são os depoimentos narrativos obtidos por meio de um roteiro prévio e flexível, o qual pode ser adaptado durante a interação entre o depoente e o entrevistador (Xavier *et al.*, 2020). Já como técnica, segundo os referidos autores, deve ser utilizada a História Oral Temática, ou seja, “a história feita com um grupo de indivíduos, evento, movimento ou sobre uma temática delimitada e circunscrita em um determinado contexto” (Xavier *et al.*, 2020, p. 4).

Enquanto fonte de pesquisa, a História Oral tem a possibilidade de trazer à tona partes da história esquecida, apagada, censurada e/ou abandonada de sujeitos/as anônimos/as e pouco (re) conhecidos/as pela história oficial. Por esse motivo, ela “se consagrou por ser não somente a história dos grandes homens, dos heróis, dos líderes, dos grandes políticos, mas, principalmente, por ser a história das pessoas comuns” (Santhiago; Magalhães, 2015, p. 25). Isso significa que a História Oral é uma metodologia inclusiva e abrangente, na medida em que oferece espaço àqueles “que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque

suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas” (Thompson, 2002, p. 16).

Em todos os casos, ao utilizá-la, o/a pesquisador/a “necessita de algumas qualidades imprescindíveis, tais como: conhecimento, sensibilidade, tranquilidade e empatia. Deste modo, se torna imprescindível a compreensão mais acurada sobre história oral” (Xavier *et al.*, 2020, p. 4).

Importa ressaltar que, assim como qualquer outra fonte de investigação, a História Oral congrega certas armadilhas que devem ser consideradas ao utilizá-la. A título de exemplo, Alberti (2004) lembra que o/a pesquisador/a se depara com as interpretações subjetivas que os/as entrevistados/as criam em torno dos fatos históricos e que o principal cuidado é tomá-los como fatos objetivos que fornecem uma compreensão do contexto em que o/a entrevistado/a estava inserido/a. Nesse sentido, é incumbência do/a pesquisador/a enfrentar o desafio de extrair pistas e indícios oferecidos pelas interpretações expressas pelos/as entrevistados/as em relação ao seu objeto e, a partir delas, realizar uma análise cuidadosa, buscando compreendê-las e utilizá-las de forma adequada.

Além disso, enfatiza-se que quem tem memória tem esquecimento. Em função disso, os/as sujeitos/as estão propensos a esquecer e reconstruir fatos e dados, pois suas falas trazem interpretações pessoais e não, necessariamente, o que efetivamente foi realizado, visto que trazer à tona a história em seus meandros, da forma como os fatos realmente aconteceram, é tarefa considerada impossível (Alberti, 2004).

Portanto, o uso da História Oral como fonte de pesquisa requer uma análise crítica dos seus limites e possibilidades. Em uma abordagem cuidadosa, pode-se contribuir para uma história mais inclusiva, permitindo que as vozes daqueles/as que fizeram parte do passado sejam ouvidas e valorizadas e, dessa forma, alcançar “onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados em códigos dignificados por um saber acadêmico

que se definiu longe das políticas públicas” (Meihy, 2006, p. 197), propiciando, assim, novas perspectivas e interpretações em torno da história tradicional.

3. História Oral e história da formação de professores/as de Educação Física no Pará à luz de uma tese

Ao se falar de Educação Física, é comum relacioná-la somente aos exercícios físicos, aos aspectos técnicos dos esportes, ao *fitness* e às academias de ginástica. Contudo, ressalta-se a necessidade de a Educação Física ser também compreendida como uma área de conhecimento e intervenção que trabalha, no âmbito escolar, com as diferentes práticas corporais comunitárias, regionais e do mundo para desenvolver a criticidade, a criatividade e a formação cidadã de crianças, jovens e adultos/as.

Para entender como a Educação Física chegou até aqui com seus atuais interesses e finalidades, faz-se necessário voltar ao passado. Não de forma idealizada, mas “olhar para o passado para lembrar que, como área, nascemos e desenvolvemo-nos como uma fauna diversa, integrada por gente e conhecimento” (Hallal; Melo, 2017, p. 236). Nessa direção, as pesquisas históricas ganham notório destaque, uma vez que permitem acessar e compreender as experiências do passado e analisar as causas e consequências que moldaram o presente.

Linhales *et al.* (2017) alegam que é recente o processo de consolidação da pesquisa história na área da Educação Física no Brasil, o que, somado a um recente processo de aceitação das práticas corporais como objeto das pesquisas históricas (Melo; Fortes, 2010) e ao difícil acesso e localização dos lugares que guardam as fontes documentais a nível regional, pode justificar o reduzido número de fontes e investigações sobre a história da formação de professores/as de Educação Física no estado do Pará. No cenário atual, a maioria das pesquisas em torno da temática em questão tem se concentrado nos aspectos históricos da ESEFPA, sendo que muitas destas foram produzidas por egressos da escola. É o caso de Carmen Lilia da Cunha Faro, ex-aluna de uma das primeiras turmas da instituição.

Em sua tese, todavia, Faro (2021) não se resume a analisar o passado da ESEFPA. Ao fazer uso da História Oral para investigar o período de 1950 a 1970, a autora destaca um conjunto de instituições e eventos que formaram professores/as na área e que até então eram desconhecidos ou haviam recebido pouco destaque na literatura acadêmica e, por conseguinte, carecem de investigação e análise.

Na década de 1950, conforme Faro (2021), espaços decisivos de formação docente aconteceram a partir da formação de auxiliares de Educação Física no Instituto de Educação do Pará (IEP), de cursos de formação de professores/as para atuarem nos Jogos Paraenses Ginásio-Colegiais (JOPAGICOS), e de cursos de aperfeiçoamento técnico e pedagógico para exames de suficiência, promovidos pela Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário (CADES), pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura (DEF/MEC), pelo Serviço de Educação Física do Pará e pela Inspeção Seccional de Educação Física de Belém.

Já na década de 1960, continuaram a ser promovidos os cursos da CADES, do DEF/MEC, do Serviço de Educação Física e da Inspeção Seccional de Educação Física de Belém. Destacamos, ainda, a tentativa de criar uma Escola de Educação Física no ano de 1963, “afinal, a capital não poderia ficar sem local para a formação de professores/as ditos especializados em Educação Física, que iriam ajudar na educação integral dos alunos paraenses” (Faro, 2021, p. 120).

Na década de 1970, última década analisada do recorte temporal de Faro (2021), tem-se a licenciatura plena em Educação Física ofertada pela ESEFPA, a primeira instituição de ensino superior da área no estado.

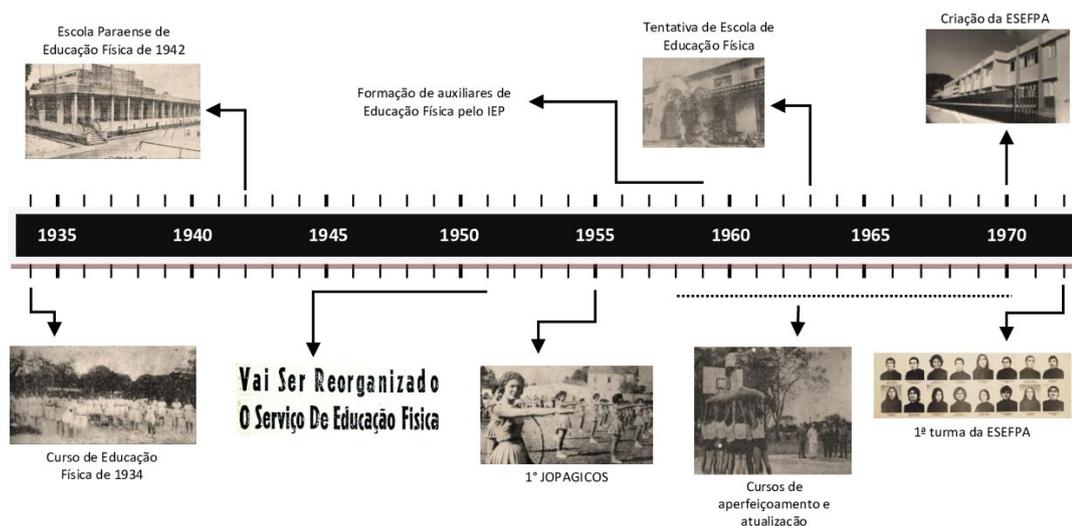
Para além do seu recorte, Faro (2021) ainda aborda as décadas de 1930 e 1940, isso para “firmar um melhor entendimento quanto ao período considerado na pesquisa” (Faro, 2021, p. 24). A autora destaca que, nesse período, “mediante a efetivação do

Curso de Educação Física de 1934 e do Curso Normal de Educação Física de 1942, foram habilitadas 70 professoras para trabalharem no ensino primário” (Faro, 2021, p. 84).

Um resumo do percurso histórico da formação de professores/as de Educação Física no Pará, no período de 1930 a 1970, pode ser visto na figura 1.

Ao olhar para esse percurso histórico de formação, várias questões emergem, tais como: quais conhecimentos perpassaram os cursos realizados pela CADES, DEF/MEC, Serviço de Educação Física e Inspeção Seccional de Educação Física de Belém? Quais outros espaços formativos em Educação Física foram organizados por essas e outras entidades no estado do Pará? Como ocorria a atuação e formação de auxiliares de Educação Física no IEP? Como era a vida estudantil na ESEFPA? Qual o percurso formativo dos/as egressos/as da primeira turma da ESEFPA? Como era o acesso à educação superior em Educação Física no passado em comparação com o presente?

Figura 1 – Percurso histórico da formação docente em Educação Física no Pará (1930-1970)



Fonte: adaptado de Faro (2021).

Tais perguntas visivelmente requerem outras investigações. Nesse caminho, as memórias das pessoas que participaram desses espaços formativos (docentes, discentes, diretores/as, atletas, médicos/as, funcionários/as de áreas de apoio técnico, entre outras), constituem uma alternativa valiosa, principalmente mediante estratégias teórico-metodológicas, da História Oral. O desenvolvimento de tais pesquisas revela-se premente e urgente, pois, com o transcorrer do tempo, surgirão maiores dificuldades para encontrar pessoas dispostas a rememorar essas histórias e para voltar a um passado remoto, tendo em vista o alcance das memórias.

Mesmo não recuperando a história exatamente como ocorreu, as memórias são capazes de nos trazer o resgate de informações perdidas sobre determinado fenômeno, fato e/ou acontecimento histórico. Daí sua relevância para a produção do conhecimento sobre a história da formação docente em Educação Física no Pará: trazer à tona o que ainda não se conhece ou se entende sobre esse passado. Cabe ressaltar a importância das memórias de velhos nessa tarefa, as quais são quase sempre impregnadas de muitos sentimentos, densas e contadas nos seus mínimos detalhes, experiência que Bosi (1994) considera similar a uma obra de arte:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte (Bosi, 1994, p. 40-41).

Novas pesquisas em torno da temática em questão podem ser desenvolvidas utilizando a História Oral como fonte de pesquisa ou utilizando documentos de História Oral já produzidos por outras pesquisas, como o documento produzido por Faro (2021), que contém quatro entrevistas com professores/as de Educação Física

do primeiro corpo docente da ESEFPA. O documento reúne dados importantes sobre os primórdios da Educação Física paraense, referentes especificamente ao desenvolvimento da disciplina nas escolas primária, ginásial e secundária, aos cursos promovidos pela CADES, DEF/MEC e demais entidades locais, às experiências de professores/as nos JOPAGICOS e na ESEFPA e até mesmo à vida acadêmica na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD). O documento produzido por Faro (2021), portanto, é uma fonte valiosa de pesquisa, visto que são muitas as temáticas possíveis de serem investigadas a partir das narrativas registradas, às quais dificilmente seriam conhecidas sem a intermediação da História Oral.

A possibilidade de produzir documento histórico a partir das fontes orais é reconhecida por Melo (1996) ao admitir a produção intencional de um na sua dissertação. Já a possibilidade de servir de fonte para outras pesquisas pode ser exemplificada pela dissertação de Andrade (2014), cujo objetivo foi compreender a contribuição do professor Félix d'Ávila para o Campo da Educação Física em Sergipe, baseando-se em uma entrevista realizada por outro historiador.

Além de contribuir para identificar tendências de pesquisas históricas na área da Educação Física, a tese de Faro (2021) propicia fecundas reflexões em torno dos limites e possibilidades no uso da História Oral, a começar pela disponibilidade de tempo dos entrevistados:

Os sujeitos escolhidos, inicialmente, para fazer parte desta investigação foram 6 (seis) professores; entretanto, duas professoras não aceitaram participar do estudo, sendo que uma delas, com quem conseguimos entrar em contato antes da pandemia, em fevereiro de 2020, inicialmente aceitou participar, mas, posteriormente, após o contexto da pandemia, não respondeu mais aos nossos contatos (Faro, 2021, p. 31).

Existem várias razões pelas quais um/a participante pode não desejar conceder uma entrevista, como desconforto pessoal, falta de interesse pelo tema, falta de tempo disponível ou qualquer ou-

tra razão. Tal situação deve ser sempre considerada pelo/a pesquisador/a que recorre à História Oral, na medida em que as fontes orais são fontes vivas e não arquivos que podem ser consultados a qualquer momento. Faz-se necessário contar com imprevistos, assim como respeitar a decisão do/a participante/a e buscar alternativas para a reunião dos dados.

Fontes documentais são alternativas viáveis às fontes orais e, da mesma forma, são consideradas aliadas para se obter uma visão mais ampla dos contextos e eventos estudados. Essa foi uma potencialidade explorada por Faro (2021):

Acessamos diferentes acervos locais e nacionais, nos quais encontramos artigos de jornais, decretos, leis, portarias, resoluções, fontes iconográficas etc. A partir disso, realizamos o cruzamento das diferentes fontes, o que possibilitou entender o contexto histórico e social da formação de professores de Educação Física no Pará (Faro, 2021, p. 27).

Com base em Delgado (2006), Faro (2021) pontua que a relação História Oral e pesquisa documental é bidirecional e complementar, tendo em vista que ambas fornecem, ao mesmo tempo, subsídios e informações uma à outra, o que torna o processo de construção de fontes orais demasiadamente rico. Diante de fontes documentais, o/a pesquisador/a transcende os limites das memórias e pode compreender os sentidos mais profundos das lembranças.

Em consonância com Barros (2020), além das fontes orais e documentais textuais, qualquer outra fonte que possa nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano pode ser considerada fonte histórica. Incluem-se como possibilidades documentais, de acordo com o mencionado autor, desde vestígios arqueológicos e outras fontes de cultura material (a arquitetura de um prédio, uma igreja, as ruas de uma cidade, monumentos, cerâmicas, utensílios da vida cotidiana) até representações pictóricas.

Isto posto, pode-se dizer que múltiplas são as fontes documentais que podem se aliar às fontes orais. O poder desse entrelaçamento tem propiciado fecundas discussões sobre a história

da humanidade. Talvez por isso a História Oral como fonte de pesquisa tem ganhado cada vez mais adeptos entre historiadores/as, antropólogos/as, cientistas políticos, sociólogos/as, psicólogos/as e professores/as.

Na área da Educação Física, a História Oral como fonte de pesquisa já permitiu caracterizar os primórdios da formação de professores/as de Educação Física da ENEFD (Melo, 1996); desvelar os movimentos políticos e acadêmicos em torno do primeiro curso de Educação Física desenvolvido na Bahia (Pires; Rocha Junior; Marta, 2014); verificar as estratégias adotadas para a divulgação e legitimação da Ginástica Rítmica nas escolas de ensino fundamental e cursos de formação docente em Educação Física no Rio Grande do Sul (Mühlen; Natividade; Goellner, 2013); reconhecer a contribuição do professor José Teixeira Freire para a implantação e desenvolvimento da Educação Física no município de Guanambi, Bahia (Cruz; Silva; Marta, 2021); além trazer à tona outros fragmentos históricos até então esquecidos e/ou abandonados de sujeitos/as, instituições e conhecimentos.

Do trabalho de Faro (2021), destaca-se, em última instância, um proveito recorrente nas pesquisas que utilizam a História Oral: o acesso a arquivos pessoais dos/as entrevistados/as.

Os professores entrevistados também nos disponibilizaram documentos: o professor Alberto Duarte de Oliveira concedeu seu currículo; o professor Armando Alcântara Von-Grap nos disponibilizou seu currículo, diploma da ENEFD e texto não publicizado sobre sua história de vida, e a professora Eni do Perpétuo Socorro Corrêa forneceu fotografias e livros de sua época de estudante e de quando atuava como professora (Faro, 2021, p. 30).

Da mesma forma que Faro (2021), Ferreira (2015) recorreu, para o desenvolvimento de sua dissertação, que abordou a biografia do professor mato-grossense João Batista Jaudy, ao acervo pessoal de familiares e amigos do docente. Essa abordagem

enriqueceu suas análises e compreensão do objeto de estudo, confirmando as ideias de Pessanha (2021), que argumenta que a transformação de arquivos privados em fontes de pesquisa não só é possível como pode ser considerada uma forma privilegiada de aproximação a processos da história não registrados em outros tipos de acervos.

Concluimos que a tese de Faro (2021) revela que há um longo caminho a se seguir no que se refere à produção do conhecimento em torno dos primórdios da formação de professores/as de Educação Física no Pará. Além disso, contribui para compreender as limitações e potencialidades decorrentes do uso da História Oral. Apesar de a autora não ter tido o objetivo de discutir sobre o assunto, seu texto proporciona fecundas discussões/reflexões a seu respeito.

Reiterando a relevância da História Oral como fonte de pesquisa, seu uso constitui um instrumento substancial para a investigação de acontecimentos, instituições, conhecimentos e pessoas, invisibilizados/as e/ou pouco (re)conhecidos na história da formação de professores/as de Educação Física no Pará. Com seus recursos metodológicos, ainda nos proporciona criar um documento histórico que servirá de fonte para as nossas pesquisas e, do mesmo modo, para pesquisas de outros estudiosos.

4. Considerações finais

Neste estudo não houve a pretensão legisladora do que deve ser pesquisado sobre a história da formação de professores/as de Educação Física no estado do Pará, mas, sim, promover a reflexão acerca da História Oral como fonte de pesquisa, destacando sua importância para investigações em torno do tema. Também não houve expectativa de apresentar a História Oral como recurso teórico-metodológico possível de desvelar o real, mas, sim, de entendê-la como um holofote que pode iluminar o caminho para a compreensão mais profunda do nosso passado e, por conseguinte, de nós mesmos e do mundo que nos cerca.

Nas pesquisas históricas desenvolvidas na área da Educação Física, de modo geral, a História Oral já trouxe muitas contribuições. Contudo, ainda há uma ampla gama de temas a serem debatidos e explorados. Pesquisar esse passado permitirá olhar de forma crítica, e sob outras perspectivas, as raízes e a trajetória da Educação Física e suas implicações na contemporaneidade. Sem estas, não podemos extrair lições valiosas para o futuro e, conseqüentemente, estamos fadados a repetir os erros do passado.

Referências

- ABREU, F. J. de; CASTRO, M. B. de (Orgs.). **Capoeira**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ANDRADE, A. A. **Félix d'Ávila e o campo da Educação Física em Sergipe, (1958-1959)**. 2014. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Diretoria de Pesquisa e Extensão, Universidade Tiradentes, Aracaju, 2014. Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/1053>. Acesso em: 01 out. 2024.
- BARROS, J. D'A. Fontes históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, v. 11, n. 02, p. 03-26, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/15006/11329>. Acesso em: 01 out. 2024.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, É. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, K. T.; SILVA, B. A. R. O desenvolvimento do curso de (licenciatura) educação física da UFLA: o que nos diz a história oral temática?. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/57819>. Acesso em: 01 out. 2024.

CRUZ, M. M. S.; SILVA, J. dos S.; MARTA, F. E. F. Memórias de um pioneiro da educação física: ações docentes do professor José Teixeira Freire em Guanambi–Bahia. **Revista ComCiência, uma Revista multidisciplinar**, [s. l.], v. 6, n. 8, p. 43-46, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/comciencia/article/view/17868>. Acesso em: 01 out. 2024.

DELGADO, L. de A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FARO, C. L. da C. **Caminhos formativos do primeiro corpo docente da Escola Superior de Educação Física do Pará (1950-1970)**. 2021. 300 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34798>. Acesso em: 01 out. 2024.

FERREIRA, T. **A educação física e o esporte no estado de Mato Grosso**: uma odisseia biográfica do professor João Batista Jaudy. 2015. 234 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2015. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMT_d0ed29e9ab0e87e90ec58b7aaa572b94. Acesso em: 01 out. 2024.

FRANÇA, N. F. **História da educação física no ensino primário no estado do Pará (1889-1900)**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais e da

Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.
Disponível em: https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/05/ney_ferreira_franca.pdf. Acesso em: 01 out. 2024.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALLAL, P. R. C.; MELO, V. A. de. Crescendo e enfraquecendo: um olhar sobre os rumos da Educação Física no Brasil. **Revista brasileira de ciências do esporte**, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 322-327, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/SknwzjLXsDKjGF7zCLmPF3L>. Acesso em: 01 out. 2024.

LINHALES, M.A.; OLIVEIRA, T. N.; SANTOS, F. C.; CAMARGO, N. P. T. Arquivos pessoais de professores de educação física: organização arquivística e pesquisa histórica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 276-283, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/8fpy6zwMH65k6gczDy7XGTv/?form=at=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2024.

LYRA, V. B. **A criação da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul**: a formação de professoras(es) para a construção do campo (1940-1970). 2013. 276 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/81217>. Acesso em: 01 out. 2024.

MACEDO, C. G.; GOELLNER, S. V. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 157-165, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/4303>. Acesso em: 01 out. 2024.

MELO, V. A. de. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos**: uma possível história. 1996. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MELO, V. A. de; FORTES, R. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**: Revista de História, [s. l.], v. 12, n. 22, p. 11-35, 2010. <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1180>. Acesso em: 01 out. 2024.

MEIHY, J. C. S. B. História oral na América Latina. *In*: FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Orgs.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 85-97.

MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de história**, São Paulo, n. 155, p. 191-203, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041>. Acesso em: 01 out. 2024.

MÜHLEN, J. C. von; NATIVIDADE, D.; GOELLNER, S. V. Fragmentos da história da ginástica rítmica no Rio Grande do Sul: as primeiras professoras e suas memórias. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 101-117, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/16113>. Acesso em: 01 out. 2024.

NASCIMENTO, V. C. do. **Escola Superior de Educação Física do Estado do Pará**: uma análise das concepções pedagógicas em sua gênese (1960-1970). 2010. 135 f. Tese (Doctorado em Ciências de la Educación) – Facultad de Ciencias de la Educación y de La Comunicación, Universidad Autónoma de Asunción, Assunción, Paraguay, 2010.

NEVES, L. K. L. **Memórias, impressos e relatos pessoais**: percursos da educação iepeana no Pará (1964-1974). 2018. 120 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais e da Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018.

OLIVEIRA, V. M. de. **História Oral Aplicada à Educação Física Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1998.

PESSANHA, E. Acervos privados como fontes de pesquisa: arquivos, memórias, esquecimentos. **Póiesis Pedagógica**, Catalão v. 19, n. contínuo, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/68533>. Acesso em: 01 out. 2024.

PINTO, J. F. **Memórias de professores/as de educação física sobre formação e prática pedagógicas (1950 a 1970)**. 2012. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8VMGT4>. Acesso em: 01 out. 2024.

PIRES, R. G.; ROCHA JUNIOR, C. P. da; MARTA, F. E. F. Primeiro curso de Educação Física na Bahia-trajetórias e personagens. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 205-223, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/K8HwLKtNFGXB5Qzk5wyFXZk/>. Acesso em: 01 out. 2024.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTANA, R. J. **A Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES): contribuições para a educação matemática**. 2021. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_9351eb543bd9940a1ed60c0ce82d6ce6. Acesso em: 01 out. 2024.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. **História oral na sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, M. A. B. dos. **Rizoma da ginástica**: histórias de vidas de professores da Escola Superior de Educação Física do Estado do Pará na década de 1970. 2013. 239 f. Tese (Doctorado em Ciências de la Educación) – Universidad Autónoma de Asunción, Assunción, Paraguay, 2013.

SAVIANI, D. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. *In*: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. (Orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 1-12.

SILVA, E. P. A. da. **Educação física no ensino público primário no Pará (1890 – 1930)**: prescrições e prática. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais e da Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015. Disponível em: https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/09/elis_pridcila_aguiar_da_silva.pdf. Acesso em: 01 out. 2024.

SOUZA, M. T. O.; VARGAS, P. I. e CAPRARO, A. M. Reflexões sobre a produção de pesquisas pautadas na história oral em periódicos de estratos superiores na área da Educação Física. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, p. 01-18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e59884>. Acesso em: 01 out. 2024.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. História, memória e história da educação. *In*: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Histórias e Memórias da educação no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 416-429.

THOMPSON, P. **A voz do passado, história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, P. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, [S. l.], v. 5, p. 9-28, 2002. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47>. Acesso em: 01 out. 2024.

TREPTOW, A. G. **A formação do professor de educação física no Pará**: o que revela a história do currículo do Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Pará? 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

VEIGA, R. M.; FARO, C. L. da C. **Os significados que emergem da formação do primeiro corpo docente da ESEFPA**: entre a memória e a história. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Educação Física) – Centro de Ciências Sociais e da Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2016. Disponível em: <https://bibc3.files.wordpress.com/2016/03/veiga-rac3ad-medeiros-os-significados-que-emergem-da-formac3a7c3a3o-do-primeiro-corpo-docente-da-esefpa-entre-a-memc3b3ria-e-a-histc3b3ria-2016.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2023.

XAVIER, A. R.; MUNIZ, K. R. A.; SANTANA, J. R.; CARNEIRO, D. L. M. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades – Revista do PEMO**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802>. Acesso em: 01 out. 2024.

ZUMTHOR, P. **Tradição e Esquecimento**. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.